

ALBANESE, Angela. *Metamorfosi del Cunto di Basile*: traduzioni, riscritture, adattamenti. Ravenna: Longo Editore, 2012, 303 p.

Em *Metamorfosi del Cunto di Basile*, Angela Albanese apresenta o resultado de uma longa pesquisa que se insere no campo dos Estudos da Tradução Literária. A autora objetiva com este livro traçar, por meio das suas principais traduções, reescritas e adaptações, a recepção da obra do napolitano Giambattista Basile, *Lo cunto de li cunti overo lo trattenemiento de'peccerille*, escrita em dialeto napolitano e publicada postumamente entre 1634-1636, em Nápoles. Sob o modelo boccacciano (vem daqui o nome de *Pentamerone*, pelo qual a obra também é conhecida), Basile recolhe em cinco jornadas cinquenta histórias, intercaladas por quatro écloas. Um antigo e difícil dialeto napolitano protagoniza essa sua obra: “uma língua inventada”, diz Roberto De Simone (2002, p. XVIII). Nasce então uma complexa e fascinante história de traduções, reescritas, adaptações que circularam por toda a Europa e Estados Unidos. Na Itália, é a tradução de Benedetto Croce que “entrega” *Lo cunto de li cunti* à literatura italiana. É justamente essa história que Albanese apresenta neste seu livro. Ela conduz a sua pesquisa sob dois pressupostos teóricos. O primeiro atende ao fato de que “il tradurre non è mai operazione neutra” (p. 11); o segundo é guiado pela ideia de tradução não como uma reprodução degradada e imperfeita do texto de partida, mas como “testo in sé, svincolato da un rapporto di secondarietà rispetto all'originale” (p. 12).

Por muito tempo, a tradução foi conduzida e entendida sob duas possibilidades: *verbum pro verbo* e *ad sensum*, com base nos critérios que distinguem as traduções “belle” das “brutte”. Houve uma revisão desses critérios quando, em tempos mais recentes, com a consolidação da disciplina em nível acadêmico, os estudos linguísticos, hermenêuticos e semióticos projetaram a possibilidade de um novo discurso sobre a atividade de traduzir. Ancorada nessa nova perspectiva, Albanese faz um estudo bastante elucidativo sobre o estado atual dessas discussões, trazendo as mais recentes propostas na área dos Estudos Descritivos da Tradução, com ênfase na “fluidez textual”, isto é, o texto em movimento. A autora entende que “ogni riformulazione del testo originario [...] sembra solecitarne il movimento, la ridefinizione di un'identità che, dispiegandosi lungo la storia della tradizione di quel testo, si presenta fluida e ubiqua” (p. 20).

Dão ainda suporte a essa pesquisa as teorias de Antoine Berman, Itamar Even-Zohar, André Lafevere, Vermeer e Reiss, Emilio Matioli e Henry Meschonnic e as contribuições de John Bryant e de Paul Zumthor, que argumentam sobre a noção de *mouvance*, elaboradas em relação à tradição medieval, bem como as questões linguísticas e filológicas dos italianos Segre, Pasquale, Timpanaro, Terracini e Folena.

Andréia
Guerini

Rozalir Burigo
Coan

A proposta de Albanese não é unicamente a de construir uma história da crítica ou propor uma nova interpretação dessa obra, mas é também a de estudar a sua vitalidade através das várias formas de “manipulação” e, assim, explicar as razões das dissonâncias entre o texto original e as suas (re)escritas, sem apontar para os possíveis “erros” de tradução. Como afirma a autora,

344

L’obiettivo prioritario che ha dunque cominciato a dare forma all’indagine è stato quello di voler comprendere le dinamiche culturali e storiche che hanno condizionato il lavoro dei diversi traduttori e riscrittori del *Cunto*, tentando di far emergere le regione interne delle dissonanze fra l’originale e le sue riscritture, anziché limitarsi a segnalare e condannare gli *errori* di traduzione, o sterilmente, l’ovvia diversità rispetto al testo di partenza. (p. 12).

Ao mesmo tempo, a autora busca tecer uma crítica produtiva centrada no tradutor e no polissistema da tradução: “si interrogherà cioè sulla sua poetica e istituzioni letterarie, sul contesto storico, ideologico e culturale che ne sollecita e condiziona le traduzioni, sulle finalità e motivazioni, e dunque sulla sua ‘posizione’ e ‘orizzonte’ tradutivi” (p. 12).

Além do prefácio, de Paolo Cherchi, em que ele ressalta a importância desse trabalho para os leitores do *Cunto*, e da introdução, da própria autora, o livro é composto por oito capítulos, com subdivisões, uma pequena conclusão e mais dois apêndices. O primeiro capítulo, “Traduzioni e archetipi in movimento: considerazioni preliminari sul testo fonte e sul testo di arrivo”, traz uma perspectiva teórica e metodológica que questiona o movimento e a identidade dos textos literários no campo da tradução. Os termos “mimesis”, “refração”, “movimento”, literariedade” e “intertextualidade”, ligados à tradução, estruturam o primeiro capítulo e dão suporte teórico e crítico aos capítulos sucessivos.

Com base nos estudos de Imbriani e de Croce, Albanese compõe o segundo capítulo, “La lingua e il dialetto: le due identità di Giambattista Basile”; traz a biografia de Basile e um discurso sobre sua esquecida atividade como escritor, dividida entre língua e dialeto; essa última atividade acontece na clandestinidade, sob o pseudônimo de Gian Alesio Abbatutis. Essa clandestinidade, no entanto, não foi suficiente para que a sua obra mais importante, *Lo cunto de li cunti*, revelasse um novo gênero literário em formação, o conto de fadas, e que as suas traduções em línguas estrangeiras influenciassem direta ou indiretamente as mais importantes coletâneas de contos de fadas europeus, de Perrault aos Grimm. Assim, de acordo com a autora,

E il *Cunto* di fatto, benché nato come scarto rispetto al riverente e piatto classicismo delle opere in lingua italiana, si è infine imposto come testo fondativo del nuovo genere letterario della fiaba, destinato ad incoraggiare le sue prime traduzioni in lingua straniera e contaminare per via diretta o indiretta le più importanti raccolte di fiabe europee – da quelle francesi di Perrault e di Madame a’Aulnoy alle fiabe tedesche dei fratelli Grimm e di Clemens Brentano. (p. 74).

Um apanhado das traduções e das livres adaptações, como as que aconteceram na França e na Alemanha, ilustra o terceiro capítulo, “La ricezione europea del *Cunto de li cunti*: una rassegna delle principali traduzioni nelle lingue occidentali”, e mostra o horizonte dos tradutores, seus trabalhos específicos, seus métodos e suas maneiras de traduzir o texto de Basile. Para exemplificar, Albanese usa a tradução inglesa de Nancy Canepa, publicada em 2007, na qual ela se debate com a tradução dos provérbios e com as expressões idiomáticas da obra, o que leva a autora a repensar a sua estratégia tradutória. A última parte desse capítulo é voltada à fortuna italiana do texto, que é bastante descontínua: edições, adaptações e traduções testemunham a dificuldade de *Lo cunto de li cunti* integrar uma *Storia della letteratura italiana*.

Os capítulos quarto e quinto focam nas traduções italianas do texto. No quarto, “La prima traduzione interlinguistica: Basile riscritto in dialetto bolognese”, a autora apresenta a primeira tradução de *Lo cunto de li cunti* para o dialeto bolonhês, realizada pelas irmãs Manfredi e Zanotti, em 1742. No quinto capítulo, “Le moderne traduzioni del

Andréia
Guerini

Rozalir Burigo
Coan

346

Cunto in lingua italiana”, Albanese analisa as modernas e integrais traduções desde a de Croce, de 1925, até a de Roberto De Simone, em 2002, passando pela edição de Michele Rak, de 1986, e pela de Ruggero Guarini, de 1994, as quais são responsáveis pela inserção do texto basiliano no sistema literário italiano. Nessa parte, Albanese também dedica um espaço às questões crocianas sobre tradução e enfatiza o fato de que Croce, depois dessa sua experiência como tradutor, tenha tido a intenção de rever e redimensionar as suas teorias sobre esse assunto.

Por se tratar de um livro de “fiabe” e pelo subtítulo *Trattenemiento de’ peccerille* (entretenimento para as crianças) incitar a sua recepção também na literatura infantil, este livro parece não se destinar a esse tipo de público. Muitos *cunti*, da forma como eram apresentados, não podiam servir de veículo pedagógico a um público leitor em formação. Tentar encontrar um lugar para a obra de Basile entre as crianças e os jovens levou Albanese a reunir no sexto capítulo, “Su alcune riscritture per l’infanzia del *Cunto de li cunti*”, quatro adaptações, em que ela não visa analisar os êxitos estilísticos, mas apresentar as estratégias tradutórias dos autores, que buscam a divulgação desse texto entre o público infantil. A versão livre de Giustino Ferri, de 1889, a “redução” para crianças, de Anna Scalera, de 1928, a reescrita de Gina Fanti, de 1960, e a de Elio Pecora, de 2003, além de outras existentes, ajudam a explicar os mecanismos da literatura traduzida, que comporta toda forma de adaptação, de reescrita, de redução, incluindo aquela destinada às crianças, em um sistema literário.

No capítulo “Dall’antico dialetto napolitano al napolitano moderno”, a atenção se volta para um dos diferentes modos de traduzir propostos por Jakobson: a tradução intralinguística, com destaque para a reescrita do *Cunto de li cunti*, do antigo napolitano para o napolitano moderno, realizada por Roberto De Simone, em 1989. Vale lembrar o que diz o tradutor em “Nota Illustrativa” a essa edição: “va precisato [...] che la traduzione dell’opera in napoletano moderno, lunghi dall’essere una libera parafrasi o una semplicista riduzione di essa, ne ha anzi rigorosamente rispettato l’integrità e lo spirito” (1989, p. 13).

O *cunto de li cunti* também sobe ao palco com a tradução inter-semiótica de De Simone, especificamente *Cenerentola*, o sexto conto da primeira jornada, que em 1976 tomou corpo e voz em uma peça musical em três atos, *La gatta Cenerentola*. O último capítulo aborda esse assunto e completa a exemplificação crítica da tripartição de Jakobson.

À conclusão, na qual a autora retoma os objetivos de sua pesquisa, seguem dois Apêndices. Um apresenta uma entrevista com De Simone realizada em Nápoles, em 19 de abril de 2010, em que ele explica as motivações das suas traduções, e o outro é constituído de exemplificações sobre as várias faces de *Cinderela*, de Basile para o cinema e teatro.

Para finalizar, podemos dizer que este livro apresenta uma encantadora viagem através das reescritas e adaptações de *Lo cunto de li cunti*, bem como uma articulada reflexão teórica sobre traduzir, enquanto evento dinâmico capaz de incluir a obra em novos circuitos hermenêuticos, garantindo ao texto a sua permanência no tempo.

Andréia Guerini e Rozalir Burigo Coan

Resenha

347

